

**O uso de mapas mentais como metodologia para o desenvolvimento da transição agroecológica e da autonomia das mulheres rurais**  
*The use of mental maps as a methodology for the development of the agroecological transition and the autonomy of rural women*

PAES, Ana Maria Baccarin Xisto<sup>1,2</sup>; FILIPAK, Alexandra<sup>1,3</sup>; ALEIXO, Sany Spínola<sup>1,4</sup>

<sup>1</sup>Núcleo de Estudos em Agroecologia e Economia Feminista, Instituto Federal de São Paulo – IFSP Matão; <sup>2</sup>Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo - SEESP, anabaccarinxp@gmail.com; <sup>3</sup>Instituto Federal de São Paulo – IFSP Campus Matão, alefilipak@hotmail.com; <sup>4</sup>Centro Universitário de São José do Rio Preto – UNIRP, sanyspinola@hotmail.com;

**Tema Gerador: Mulheres e Agroecologia**

**Resumo**

Este trabalho pretende relatar uma proposta metodológica que vem sendo executada pelo Núcleo de Estudos em Agroecologia e Economia Feminista (NEA/IFSP-Matão) que trata de uma ação realizada junto ao grupo produtivo de mulheres do Assentamento Córrego Rico em Jaboticabal, SP. Dentre as atividades desenvolvidas, foram realizadas ações que permitissem o fortalecimento do grupo de mulheres, a capacitação em gênero, economia feminista e agroecologia. O destaque, nesse trabalho, é apresentar a metodologia para a construção dos mapas de percepção espacial que permitem identificar o lugar de trabalho produtivo, autônomo e agroecológico das mulheres, chamados na literatura de quintais produtivos. Diante da discussão da determinação e demonstração da divisão sexual do trabalho que ocorre na família, promovendo a reflexão acerca das desigualdades de gênero na agricultura de base familiar, propõe-se a análise dos mapas. Estes cumprem a função de metodologia para o trabalho extensionista com as mulheres, assim como de metodologia de pesquisa acerca do trabalho e conseqüentemente, da economia das mulheres. Diante das ações desenvolvidas foram apontadas algumas considerações: redefinição de quintais produtivos; relação entre as percepções das mulheres e as definições de economia feminista; construção da agroecologia a partir do desenvolvimento da autonomia das mulheres; relação entre trabalho produtivo e a reprodução da agrosociobiodiversidade.

**Palavras-chave:** Agroecologia; Economia Feminista; Percepção Espacial; Quintais Produtivos.

**Abstract**

This work intends to report a methodological proposal that is being carried out by the Center for Studies in Agroecology and Feminist Economics (NEA / IFSP-Matão), which deals with an action carried out with the productive group of women of the Córrego Rico Settlement in Jaboticabal, SP. Among the activities developed, actions were taken to strengthen the women's group, gender training, feminist economics and agroecology. The emphasis in this paper is to present the methodology for the construction of spatial perception maps that allow the identification of the productive, autonomous and agroecological work place of women, called in the literature of productive backyards. Before discussing the determination and demonstration of the sexual division of labor that occurs in the family, promoting reflection on gender inequalities in family-based agriculture, it is proposed to analyze the maps. These fulfill the role of methodology for extension work with women, as well as research methodology about work and, consequently, the economy of women. In view of the actions developed, some considerations were pointed out: redefinition of productive yards; Relationship between women's perceptions and the definitions of feminist economics;

Construction of agroecology through the development of women's autonomy; Relationship between productive work and the reproduction of agrosociobiodiversidade.

**Keywords:** Agroecology; Feminist Economy; Spatial Perception; Productive Backyards.

### **Contexto**

Durante a implantação dos trabalhos do NEA/IFSP Matão com o grupo de mulheres assentadas do Assentamento Córrego Rico, município de Jaboticabal, SP, foram realizadas atividades para o desenvolvimento da autonomia econômica das mulheres rurais, entre elas: curso de transformação de alimentos, rodas de conversas sobre igualdade de gênero e sua importância para uma economia que atue como elemento de contraposição ao capital excludente, agroecologia e produção orgânica, além de ações pedagógicas no sentido de se promover a visibilidade do trabalho da mulher.

Um dos instrumentos utilizados foi a Caderneta Agroecológica que se configura como um "(...) instrumento político-pedagógico que busca dar visibilidade ao debate de gênero no meio rural, consolidando o debate feminista acerca das condições de precariedade e inferioridade que as mulheres camponesas se encontram" (LOPES NETO et al, 2016, p. 2). Esse trabalho em torno das cadernetas agroecológicas foi desenvolvido por uma rede de organizações dos campos feminista e agroecológico e, atualmente está sendo implantada pelo Centro de Tecnologias Alternativas (CTA), nas regiões do país, em diálogo coletivo com diferentes organizações sociais, políticas, feministas e instituições de pesquisa (Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Institutos Federais, Núcleos de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica – CNPq, Articulação Nacional de Agroecologia, Sempre Viva Organização Feminista, e outras).

Diante da implantação das cadernetas agroecológicas pelo NEA/IFSP Matão sentiu-se a necessidade de um diálogo, com as mulheres assentadas, sobre o reconhecimento pessoal do seu trabalho produtivo e autônomo na produção de alimentos, pois em sua grande maioria esse autoconhecimento não estava dito por elas, incidindo na pergunta: "O que marcar nas colunas das cadernetas? Qual trabalho?" "O que são os Quintais Produtivos?". Assim a metodologia adaptada a partir da construção dos mapas mentais possibilitou espaço para que as mulheres pudessem se reconhecer no seu trabalho autônomo e, assim, definir o que deveria ser marcado como resultado de sua atividade produtiva com autonomia e dentro da perspectiva de transição agroecológica e buscando cumprir o objetivo pedagógico das cadernetas.

A proposta de construção dos mapas, portanto, visa analisar e racionalizar os espaços ocupados e tarefas realizadas pelas agricultoras sobre a ótica dessas mulheres, a partir de sua própria percepção e de seu autoconhecimento.

A construção dos mapas se realizou na cozinha comunitária do coletivo de mulheres do assentamento em meados de março/2017 e teve por objetivo desenhar os espaços mais apropriados por elas em relação ao seu trabalho e sua autonomia, e demonstrar como elas percebem e estruturam o seu mundo do trabalho na Unidade Familiar de Produção.

A importância da percepção das mulheres sobre seus espaços e seu trabalho autônomo é uma ferramenta essencial para a emancipação das mulheres e

superação da divisão sexual do trabalho, o que pode, por consequência, a partir da continuidade das ações, promover mudanças dos processos constitutivos de agroecossistemas diversificados, culminando no fortalecimento do debate da agroecologia. Entende-se aqui, o desenvolvimento da agroecologia e a sua construção a partir da radicalidade feminista, ou seja, que há uma dependência entre a construção dos sistemas agroecológicos e o rompimento das desigualdades de gênero vividas pelas mulheres no campo, que as desvaloriza, invisibiliza, no âmbito da família e da sociedade.

### **Descrição da experiência**

A metodologia utilizada é de caráter topofílico, pois foi proposta a construção dos mapas a partir da percepção espacial através dos sentidos. Já o método utilizado para o desempenho dessa atividade foi elaborado pelas autoras e conta com três etapas.

Em um primeiro momento é realizado um acolhimento com as mulheres para a explanação da importância e objetivação da construção dos mapas. Explica-se que a percepção espacial é a percepção dos espaços através dos sentidos e que resulta nos lugares de afeição e desprezo. Já a importância do mapeamento é para que as próprias mulheres reconheçam os espaços por elas ocupados e que reflitam sobre a divisão espacial ocupada por elas levando à reflexão sobre a divisão sexual do trabalho e o autoreconhecimento de seu trabalho vinculado ao debate sobre a autonomia.

Como ressalta Yi-Fu-Tuan “em toda a cultura conhecida, homem e mulher recebem papéis diferentes... os experimentos com jogos livres mostram que quando uma menina desenha um meio ambiente, é comumente o do interior de uma casa” (1980, p. 62) e “quando os papéis de cada sexo são definidos, homens e mulheres, adotam valores e percebem aspectos diferentes do meio ambiente” (1980, p. 285). Dessa forma, a reflexão do autor auxilia a compreensão de como é possível o rompimento dos papéis sociais de gênero estabelecidos pela cultura e que geram as desigualdades, no caso, nas Unidades Familiares de Produção.

Em seguida, é realizada a construção dos mapas (Figura 1) que é instigado através de perguntas chaves, como: Qual é a imagem que vocês possuem de seus espaços? Quais são as áreas de maior contato físico e familiaridade? Qual trabalho que você considera como seu? Que você tem liberdade de desenvolvê-lo? Onde ele se localiza? E após esses questionamentos e idealizações dos lotes os mapas foram feitos em folhas flip-chart com lápis coloridos, canetas hidrocolor e outros materiais disponíveis.

É através dos mapas que há uma proposição e reflexão com as mulheres para elas perceberem e questionarem porque tais lugares foram representados e outros não, quais são os valores atribuídos a estes locais e qual o valor do seu trabalho.

Por fim, em um terceiro momento, foi realizada a análise dos mapas. Constatou-se, através dos desenhos (Figura 2) e pelos relatos das mulheres, ao apresentarem cada mapa, que todas possuem pleno conhecimento de seus lotes que são as Unidades Familiares de Produção.



Figura 1: Confeção dos mapas mentais

Entretanto, em sua maioria, no momento de construção dos mapas não apresentaram a área total do seu lote e ressaltaram como lugares de afeição, espaços de manejos diversificados, já as áreas de desprezo (representados ou não) são os espaços de monocultivos, onde a presença masculina é predominante e de baixa rentabilidade – nesse caso, relatado pelas próprias mulheres.



Figura 2: Mapa mental produzido na atividade

## **Resultados**

A partir da produção dos mapas foi possível identificar alguns aspectos importantes na discussão da economia das mulheres.

Com relação aos chamados quintais produtivos (LOPES NETO et al, 2016; ROSA, 2007), nessa experiência eles foram demarcados a partir da ideia de pertencimento, ou seja, as mulheres desenharam “seus lugares e trabalhos” que elas entendem que pertencem a elas. Esses espaços muitas vezes foram desenhados para além do redor da casa. A concepção do “redor da casa” que está associado ao trabalho, foi a definição inicial de quintal. Há uma variedade de definições se observamos o que as mulheres percebem como seu trabalho de pertencimento e autonomia. Os mapas nos demonstraram que é necessário se pensar em diferentes categorias de espaços que possam incluir as diversidades. Espaços produtivos com dinâmicas de hortas, com dinâmicas de frutas, de remédios, de pequenos animais, de plantas ornamentais, de plantios maiores sem diversidade (por exemplo: goiabas, mandioca que representam plantio para comercialização nos programas de compras institucionais) foram identificados nos mapas de percepção. As mulheres também reconhecem como seu quintal espaços para além do ao redor da casa que chamamos, portanto, de espaços produtivos.

Sabe-se que no meio rural a realização de trabalho produtivo na agricultura de base familiar pelas mulheres ainda é pouco visível e pouco valorizado. A atuação das mulheres nas áreas de criações de animais de pequeno porte, plantações de hortaliças, produção e beneficiamento de frutas, leite, pescado e artesanato, etc., geram renda e autosustentação das famílias e a metodologia empregada tem possibilitado o reconhecimento desse trabalho e a importância dessas atividades na geração de renda. Percebeu-se que o espaço produtivo é o espaço da autonomia das mulheres e de seu trabalho com conexão com a reprodução da agrosociobiodiversidade e com a soberania e segurança alimentar.

O desenho dos mapas mostrou que o central no trabalho com a agroecologia e com as mulheres é a visibilidade da contribuição delas na economia, através de seu trabalho que elas representaram no espaço. Isso nos permite ter uma visão mais ampliada das variáveis de espaço. É possível sair do “ao redor da casa”, mas ter como referência o protagonismo das mulheres nas atividades econômicas o que significa olhar para a economia das mulheres. E a metodologia permite que elas se autoremontem nesse processo e promovam as reflexões a partir de suas próprias percepções.

Conclui-se que os mapas auxiliaram nessa percepção dos espaços e seu trabalho e essa constituiu-se uma ferramenta importante para a autonomia da mulher e superação da divisão sexual do trabalho, mudança dos agroecossistemas e conseqüentemente, para o desenvolvimento da agroecologia.

## **Agradecimentos**

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento e ao Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Matão pelo apoio para a implementação do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Economia Feminista (NEA). Ao GT de Mulheres da Ana – Articulação Nacional de Agroecologia e a Centro de Tecnologias Alternativas – CTA pela discussão coletiva em torno da pesquisa com mulheres rurais e pelas parcerias estabelecidas.

## Referências bibliográficas

LOPES NETO, Antônio Augusto et al. **Caderneta Agroecológica e Feminismo: o que os quintais produtivos da Zona da Mata têm a nos dizer.** Cadernos de Agroecologia, [S.l.], v. 10, n. 3, maio 2016. ISSN 2236-7934. Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/19857>>.

Acesso em: 16 maio 2017.

ROSA, Leonilde dos Santos et al. **Os quintais agrofloretais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança-PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar.** Rev. Bras. de Agroecologia. v. 2, n.2, out., 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.